

PELO “FACE” LENDO E DISCUTINDO “BOOK”: ANÁLISE DA PERCEÇÃO DOS ALUNOS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO USO DA REDE SOCIAL NO LETRAMENTO LITERÁRIO E NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

li_castelo@hotmail.com

Antonio Ismael Lopes de Sousa (UEMASUL)

ismaeltry@gmail.com

Walquiria Lima da Costa (UEMASUL)

wallico36@gmail.com

RESUMO

Este trabalho se dedica a fazer um relato de experiência sobre o uso do *Facebook* nas atividades da disciplina Literatura Portuguesa no curso de Letras/Português da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. E analisar como esse letramento digital em diálogo com o literário pode contribuir para a formação de futuros professores e consequentemente influenciar nas suas práticas em sala de aula. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, fundamentada nas ideias dos estudos de Dudeney, Hockly, e Pegrum (2016), Rojo (2009), Pêcheaux (1990). Após nossa análise foi possível perceber nos discursos dos alunos que, em suas percepções o uso da referida rede social propiciou um ambiente dinâmico de aprendizagem, motivou a pesquisa, assim como estimulou a criatividade e os fizeram refletir e discutir sobre a necessidade da instrumentalização para o uso de mídias digitais, em especial, em momentos como esse de pandemia que estamos vivenciando.

Palavras-chave:

Facebook. Letramento Literário. Formação de Professores.

ABSTRACT

This work is dedicated to making an experience report on the use of Facebook in the activities of Portuguese Literature in the course of Letters / Portuguese at the State University of the Tocantina Region of Maranhão. And to analyze how this digital literacy in dialogue with the literary can contribute to the formation of future teachers and consequently influence their practices in the classroom. For this, a descriptive and exploratory research was developed, with a qualitative approach, based on the ideas of the studies of Dudeney, Hockly, and Pegrum (2016), Rojo (2009), Pêcheaux (1990). After our analysis, it was possible to perceive in the students' speeches that, in their perceptions, the use of the referred social network provided a dynamic learning environment, motivated the research, as well as stimulated creativity and made them reflect and discuss the need for instrumentalization for the use of digital media, especially in times like this pandemic that we are experiencing.

Keywords:

Facebook. Literary Literacy. Teacher training.

1. Introdução

Desde o advento da *internet* e do acirrado processo de globalização, as sociedades vêm convivendo com transformações cada vez mais rápidas e exigentes. Sendo que a educação, por estar imbricada em todas as atividades humanas, é atingida de forma enfática por aceleradas mudanças e inovações. E uma delas é a criação e o uso de ferramentas digitais, entre elas as utilizadas com o objetivo de manter e alimentar as redes sociais, como é o caso do *Facebook*.

Essa plataforma digital ganhou espaço e tem sido utilizada para muitos fins, como: contato pessoal, divulgação e comercialização de produtos, conscientização para causas sociais, entre outros. Por conseguinte, devido ao uso exacerbado e em horários diversos, durante muito tempo essa e outras redes eram tidas como um problema, pelas instituições de ensino no Brasil, pois disputava com os professores a atenção dos seus alunos, tendo como consequência, em especial, um impacto no rendimento dos alunos.

Contudo, o que se tem observado é que as escolas/universidades encontraram caminhos para transformar o inimigo em aliado, como demonstram os trabalhos de Catão, Ataíde e Braz (2016), Ribeiro (2017) e Andrade (2018). Caminho que também se conseguiu encontrar na prática de formação de professores no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão.

Nesse contexto, este trabalho apresenta dois propósitos: apresentar as atividades que foram desenvolvidas, tendo como plataforma o *Facebook* e investigar a percepção dos alunos sobre como esse recurso influenciou no processo ensino aprendizagem e consequentemente na formação como docente.

Para tal, realizou-se uma pesquisa participante, pois, uma das autoras foi a professora que ministrou a disciplina. Seguindo os moldes das investigações descritivas e exploratórias (SANTOS, 2007). Importante ressaltar que utilizou-se o *Facebook* para a atividade da disciplina e o aplicativo *WhatsApp* para conhecer as impressões dos alunos sobre o tema em questão e assim realizarmos a análise dos discursos (PÊCHEAUX, 1990).

Nesse contexto, acredita-se que a relevância deste estudo reside em endossar as evidências de que a educação pode se aliar às tecnologias digitais e ao mundo virtual, com atividade que promovam o letramento digital, tornando-se atrativa e respondendo às exigências que o Ministério da Educação imprime no que concerne ao uso de metodologias ativas e no incentivo ao protagonismo discente no uso de tecnologias digitais, o que irá influenciar de sobremaneira suas futuras práticas docentes. Letramento tão necessário como importante, como discutimos no item seguinte.

2. Letramento digital em meios eletrônicos: breves considerações

A globalização no mundo pós-moderno é cada vez mais vertiginosa. O que impõe à sociedade desafios que vão desde o esvaziamento/redução da presença humana no desempenho das mais diversas tarefas até a necessidade de adaptação aos produtos tecnológicos, cuja tendência aponta cada vez para a sofisticação.

Nessa conjuntura, os recursos tecnológicos concorrem ora para intensificar as comunicações daqueles que a eles têm acesso facilitado (notadamente os grupos privilegiados socioeconomicamente), ora para acentuar ainda mais a marginalização dos que não se adaptam e/ou os que têm acesso limitado ou não podem ter acesso aos mesmos (grupos não privilegiados socioeconomicamente).

Assim, considerando que, dentre outros benefícios, as práticas de letramentos³⁷⁷ têm como resultado a facilitação do processo de comunicação entre as pessoas, a tarefa da escola – que é o ambiente em que

³⁷⁷ De acordo com o Dicionário Aulete Digital, o termo “letramento” é definido como: “1. A condição que se tem, uma vez alfabetizado, de usar a leitura e a escrita como meios de adquirir conhecimentos, cultura etc., e estes como instrumentos de aperfeiçoamento individual e social. 2. Pedag. Ver alfabetização. 3. Pedag. Conjunto de práticas que indicam a capacidade de uso de vários tipos de material escrito”. O mesmo dicionário também acrescenta que “o termo ‘letramento’, de uso recente no campo da pedagogia e da educação, deriva do inglês *literacy*, em sua acepção de ‘condição de quem sabe ler e escrever’. Sendo que não se refere à condição técnica de saber ler e escrever (ao que corresponde o termo ‘alfabetismo’ ou ‘alfabetização’), mas à condição, capacidade de e disposição para, uma vez dominada a técnica de ler e escrever, usá-la para assimilar e transmitir informação, conhecimento etc. Assim, o letramento é uma continuação possível e desejável da alfabetização, e é através dele que o potencial do alfabetismo pode se transformar em conhecimento e cultura”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/letramento>, acesso: 11 nov. 2020.

práticas como da leitura e escrita normalmente se iniciam e se desenvolvem – se estende para além dos processos de alfabetização³⁷⁸ e outras práxis pedagógicas corriqueiras.

A esse respeito, Rojo (2009, p. 98) ressalta que as ações coletivas de letramento realizadas nos mais distintos cenários da vida social contribuem para o aumento do nível de alfabetização, bem como o desempenho da leitura e da escrita e outras práticas educacionais. E acrescenta, ao referir-se aos termos “alfabetização” e “letramento”, que

[...] vale a pena insistir na distinção: o termo *alfabetismo* tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98) (ênfase acrescentada)

Em se tratando mais especificamente das práticas de letramento em meio digital, Rojo (2009) destaca a ideia de *multissemiose*³⁷⁹ e os letramentos multissemióticos que são

[...] exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o *design* etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos

³⁷⁸ Rojo (2009, p. 97) usa o “conceito de alfabetismo para designar o conjunto de competências e habilidades ou de capacidades envolvidas nos atos de leitura ou de escrita dos indivíduos, conjunto esse que se diferencia e particulariza de um para outro indivíduo, de acordo com a sua história de práticas sociais, e que pode [...] ser medido e definido por níveis de desenvolvimento de leitura e de escrita, como fazem o INAF [*Indicador de Alfabetismo Funcional*] e os exames nacionais”.

³⁷⁹ “Multissemiose ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades midiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato da leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso relacioná-lo com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, música, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos)” (ROJO, 2009, p. 106).

letramentos necessários para agir na vida contemporânea (MOITA-LOPES; ROJO, 2004 *apud* ROJO, 2009, p. 107)

Nesse sentido, a escola passaria a integrar de modo mais efetivo outros meios de aprendizagem e valorizaria outras formas importantes de discursos/aprendizagens, que possuem mais relação com a realidade da massa, aproximando-se dos mais diversos meios de letramento, possibilitando, aos envolvidos, um sentido mais significativo para esse processo. Ao encontro dessa perspectiva, cumpre destacar o que Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) chamam de “promoção de habilidades próprias do século XXI”, notadamente viabilizadas pelas práticas de letramentos digitais³⁸⁰. Para ilustrar essa condição de importância/necessidade de letramento digital, os autores explicam que

[...] no centro desse complexo de habilidades, está a capacidade de se envolver com as tecnologias digitais, algo que exige um domínio dos *letramentos digitais* necessários para usar eficientemente essas tecnologias, para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais. Em vista de se envolverem plenamente com as redes sociais, ter acesso a vagas de emprego nas economias pós-industriais de conhecimento e assumir papéis como cidadãos globais confortáveis em lidar com diferenças interculturais, nossos estudantes carecem de um conjunto completo de letramentos digitais a sua disposição (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17)

Ainda segundo os autores, a efetivação dessas práticas na sala de aula teria, dentre outros, importantes resultados no que se refere à “competência linguística e tecnológica dos estudantes”, bem como à “competência tecnológica dos professores” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 302-5) o que, posteriormente, evoluiria para uma competência mais ampla, de modo que os estudantes pudessem “trabalhar com todas as plataformas” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 326). Importa salientar, nesse caso, que

[...] as redes pessoais de aprendizagem não precisam estar confinadas a uma única plataforma – e, de fato, quase nunca estão. Mesmo sendo uma boa ideia começar devagar, como com as novas tecnologias em geral, e construir uma presença e uma rede em uma única plataforma antes de se ramificar para outras, o fato é que muitas ferramentas da *web 2.0* e ferramentas móveis trabalham de modos complementares. Se você está começando a usar as tecnologias em educação, uma rede pessoal de aprendizagem é um bom lugar para começar a explorar as possibilidades [...] Pelo

³⁸⁰ “Habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

fato de uma rede pessoal de aprendizagem poder crescer e mudar continuamente pelo tempo em que você deseje continuar a aprender e a descobrir, ela é a estrutura de suporte ideal para ajudá-lo a se manter em ritmo com o mundo dinâmico das novas tecnologias e dos novos letramentos (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 326-327)

Nessa direção, a definição de letramento digital proposta por Soares (2002, p. 151), como um “certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”, ilustra bem a relevância e os incentivos dessa prática na busca por novas e significativas aprendizagens, dentre ou fora da escola.

Isto posto, e considerando o estudo de Franco e Castanheira³⁸¹ (2016), sobre a prática de letramento acadêmico no *Facebook*, é possível presumir que a influência das mídias sociais estão cada vez mais crescentes na vida de professores e alunos e que, ao lançar mão desse recurso, amplia-se tanto as possibilidades de letramento quanto de aprendizados. As autoras, no estudo em tese, reconhecem que “são evidentes as potencialidades do *Facebook* enquanto AVA [*Ambiente Virtual de Aprendizagem*]” (FRANCO; CASTANHEIRA, 2016, p. 14), acrescentando também que,

[...] se, por um lado, devemos reconhecer as potencialidades do Facebook com AVA, conforme foi indicado por diversos autores, por outro lado, interessa-nos saber de que forma essas potencialidades são exploradas localmente por grupos sociais diversos e as implicações dessas explorações para o que se pode aprender sobre a escrita em um contexto digital. Ademais de se pensar acerca das potencialidades do Facebook enquanto AVA, entendemos a necessidade de se deslocar o foco dado à aquisição de habilidades (modos e canais) para se concentrar no sentido de pensar o letramento e usos das tecnologias como práticas sociais [...] Isso implica, então, o desafio de reconhecer e compreender os múltiplos letramentos configurados a partir de usos diferenciados, construídos localmente por participantes de diferentes grupos sociais, que variam no tempo, no espaço e nas relações de poder (FRANCO; CASTANHEIRA, 2016, p. 21)

³⁸¹ No estudo das autoras, as “análises e as reflexões apresentadas neste texto exploram proposições e indagações sobre o uso de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) e sobre práticas de letramento acadêmico desenvolvidos em processos de formação de profissionais da educação. Nessa perspectiva, analisaremos o que e para que professores e alunos de um curso de especialização em Linguagem e Tecnologia escrevem em disciplinas desenvolvidas através do uso NTIC, mais especificamente em disciplinas em que o FACEBOOK foi utilizado como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)” (FRANCO, CASTANHEIRA, 2016, p. 14).

Alinhando-se a essas novas tecnologias e servindo-se dessas mídias digitais, nas quais estão inseridas as redes sociais virtuais, como recurso em potencial no sentido da aprendizagem, a escola agrega novos formatos de aquisição de conhecimento que, de modo dinâmico e aproximado da vida cotidiana desse indivíduo dessa “modernidade líquida” e incertezas sólidas (BAUMAN, 2003), pode contribuir tanto para facilitação das tarefas escolares/acadêmicas, quanto para o aumento da criticidade frente a essas mídias.

3. Facebook: uma rede de possibilidades

Neste mundo de inovações que as sociedades que vivenciam o processo de globalização, um dos principais desafios do professor é a inovação metodológica. No entanto, esta se faz necessária para que se possa dinamizar a rotina das aulas convencionais que tanto se apresentam como desinteressantes para os alunos. Desse modo, a utilização das tecnologias digitais de comunicação e das redes sociais virtuais é considerada um caminho interessante para o processo de ensino aprendizagem. E um desses caminhos é o *Facebook*, como discutido no item anterior.

Plataforma, que quando criada em 2003, dentro da Universidade Harvard, recebeu o nome de *Facemash*, idealizado pelos acadêmicos Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Maskovitz e Eduardo Saverin. E tinha como objetivo inicial apenas comparar fotos das acadêmicas da universidade. Dados recolhidos do sistema de segurança do campus. O que causou uma discordância entre as garotas e seus criadores, resultando no fechamento do *site* pelos executivos de Harvard e para Mark, uma série de acusações, dentre elas a violação de privacidade.

No entanto, seus criadores não desistiram e como a ideia já estava enraizada, do *Facemash* seguiu-se para o tão conhecido e utilizado *Facebook*, que inicialmente, possibilitava a criação de “amizade virtual” entre universitários de instituições diferentes (AGUIAR, 2019)

E a ideia não parou por aí. A nova programação digital do *Thefacebook* teve tanto sucesso que, em 2005, foi inaugurado oficialmente o *Facebook*, mas somente para os universitários. No ano seguinte, 2006, os alunos de ensino médio e trabalhadores de empresas tiveram o acesso liberado. Daí seguiu se consolidando como uma rede social virtual com uma ampla adesão de usuários, que surpreendeu a todas as expectativas,

influenciando em muitos aspectos da vida de seus membros, caracterizando-se como uma validação de inclusão social.

Nesse contexto, Ferreira e Neves (2013, p. 54) ressaltam que “as Redes Sociais podem ser definidas como relações construídas pelos seres humanos que os fazem sentirem-se inseridos na sociedade”, uma vez que “esse fenômeno ocorre devido à facilidade de um indivíduo acessar sua página em uma rede social em qualquer lugar e a qualquer hora, através do celular, *notebook*, *smartphone* ou *tablets*” (FERREIRA; NEVES, 2013, p. 55).

Assim, toda e qualquer pessoa, com idade acima dos 13 anos, que portasse um recurso tecnológico, dos citados acima, poderiam acessar o *site* e criar uma conta, a partir do fornecimento de dados como nome e sobrenome, e-mail, data de nascimento e gênero. Gerando uma senha de acesso. Com mais de 2 bilhões de pessoas cadastradas e conectadas, o *Facebook* deixou de ser utilizado só para fins pessoais, como dialogar com amigos e familiares ou postar fotos de momentos marcantes. Sendo utilizado, entre outras coisas, “como uma ferramenta de trabalho, além de um meio de divulgação de empresas e marcas” (AGUIAR, 2019, s/p). Em diálogo com Aguiar, Torres (2009, p. 114) que ressalta sobre o potencial de influência que as redes sociais virtuais têm, pois, “cada indivíduo influencia não um grupo de amigos, mas vários grupos de comunidades às quais pertence, com várias pessoas que influenciam outras comunidades, em progressão geométrica (...)”.

Desse modo, entre as possibilidades de uso e influências que o *Facebook* apresenta, em especial para servir como ambiente virtual de aprendizagem, pensando na formação de futuros profissionais da educação, essa plataforma foi utilizada como ferramenta metodológica de ensino e aprendizagem, com o propósito de disseminar e divulgar os conhecimentos sobre a Literatura Portuguesa, uma disciplina do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão.

Tal recurso foi utilizado dialogando a aprendizagem da referida disciplina com a formação profissional dos acadêmicos, tendo em vista que se trata de um curso de licenciatura. Ressaltamos, ainda, que as atividades foram realizadas com o propósito de exercitar a criatividade e a autonomia, motivando nos acadêmicos, futuros docentes, a reflexão sobre a busca por caminhos mais criativos e dinâmicos para as muitas vi-

vências da escola, que não se restringem às atividades mecânicas de memorização.

No próximo item, apresentamos as atividades realizadas e as percepções dos alunos sobre o uso do *Facebook* e as possíveis contribuições que eles visualizaram para suas futuras práticas docentes.

4. *Pelas abas do Facebook: aprendendo e ensinando*

Nessa seção do texto, apresentam-se as formas de uso do *Facebook*, cuja opção para ser utilizado como plataforma para o ensino aprendizagem, justifica-se pelo fato de ser um ambiente que permite a postagem de arquivos em várias mídias e tamanhos. E como iríamos trabalhar no diálogo entre a literatura, a fotografia e o cinema, muitos arquivos não conseguiam ser carregados em outros suportes.

Portanto, a escolha por essa rede social não foi apenas pelo fato de ser uma mídia digital de fácil acesso e uso recorrente dos alunos. E sim, porque ao se discutir em conjunto com os discentes, essa foi a opção encontrada para atender aos seguintes objetivos da disciplina Literatura Portuguesa: conhecer autores portugueses, cujas obras se classificam como Literatura Contemporânea, investigar se as biografias deles influenciaram em suas produções e postar informações referentes aos autores e suas obras.

Vale notar que os caminhos que foram trilhados nessa disciplina não foram apenas aqueles nos quais se utilizou o *Facebook*, adotaram-se outras metodologias e suportes como a aula expositiva e o uso de livros literários e de teoria literária. Contudo, gostaríamos de ressaltar que essa e as demais ações e metodologias adotadas em sala de aula foram resultado de um processo de diálogo e negociação, no qual se fez necessário que os alunos assumissem o protagonismo do processo ensino aprendizagem.

Assim, para que os trabalhos pudessem ter êxito foi necessário conscientizar o alunado para a desconstrução do paradigma da educação centrada na figura da professora, vista como detentora do conhecimento, pois esse por sua vez, nessa atividade em particular, deixou de ser figura central no processo ensino-aprendizagem, sendo requerido que os alunos assumissem o protagonismo da própria educação.

E nós compreendemos que isso é um grande desafio para os discentes do Ensino Superior, pois é necessário “(...) que o acadêmico tenha uma participação efetiva nas discussões de sala de aula” (DEBALD, 2003, p. 1). Para isso é importante que se estabeleça um processo pautado no princípio da liberdade, pois dessa forma seja possível construir um processo educacional de qualidade que prime pela humanização das relações e do respeito à autonomia e criticidade.

O outro desafio foi imprimir uma dinâmica de estudo que eles não estavam acostumados. Isso porque invertemos o processo de construção do conhecimento, porque adotamos um modelo que se convencionou chamar de aula invertida, composta por três tempos didáticos chamados de pré-aula, aula e pós aula. No qual o aluno deve assumir o protagonismo de sua aprendizagem, desconstruindo o paradigma do professor detentor do conhecimento, pois mesmo mantendo o modelo curricular predominante, prioriza-se um maior envolvimento dos alunos a partir de metodologias ativas (MORÁN, 2015).

Na “pré-aula”, eles deveriam construir os dados sobre os autores que foram selecionados e que ficaram sob a responsabilidade das equipes. Essa foi uma determinação intencional, pois conviver e produzir em conjunto ainda é uma grande problemática nas salas de aula e se reflete de forma notória na vida dos futuros profissionais da educação.

Nesse intuito, é importante salientar que, para essa produção, os alunos realizaram, de forma unânime, pesquisa de muita qualidade. Ação que os possibilitou vivenciar a experiência da articulação entre a pesquisa e o ensino. Pois como assinalam Freire (1997; 2006) e Demo (2006) são ações interdependentes, sendo que ambas enfatizam que tanto os discentes como os docentes precisam ser ávidos pesquisadores, pois a pesquisa incorre diretamente no processo ensino aprendizagem. E por comungar desse pensamento, a professora esteve à disposição das equipes no tocante à análise e seleção do material que seria postado.

Já no momento “aula”, a proposta era que se fizessem as postagens do conteúdo, lidos os conteúdos disponibilizados pelas outras equipes. Salientando-se que era na “pós-aula” que os alunos buscavam se apropriar de mais conhecimento para que se pudessem fazer os comentários nas publicações com propriedade. E essa fundamentação lançava mão tanto de referências bibliográficas físicas, como virtuais, adotando-se dessa maneira um ensino híbrido, que por sua vez, na perspectiva de Bacich e Morán (2015, p. 45), resulta na “(...) integração cada vez maior

entre sala de aula e ambientes virtuais”, e isso é fundamental para que as instituições de ensino ao mesmo tempo em que se abram para o mundo, também sejam capazes de trazê-lo para dentro da instituição.

É importante informar, que este trabalho foi realizado com 3 turmas, que fizeram a disciplina no período de 2017 a 2019, no entanto, para cumprir a delimitação de páginas para essa publicação, fizemos a opção pela turma que cursou a disciplina em 2017, pois como muitos deles já estão em sala de aula, era nosso interesse investigar se eles relacionariam com o momento pandêmico em que vivemos e que tanto tem exigido de recursos metodológicos que adotem as tecnologias digitais da informação e comunicação.

Informamos ainda que os discursos selecionados são representativos do que foi mencionado pela amostra composta por 25 alunos, que responderam ao questionário enviado pelo aplicativo *WhatsApp* em agosto de 2020 e recebido no mesmo mês, portanto, todo o contato com os interlocutores se deu por meio virtuais. Sendo que eles foram representados no textos pela letra I (interlocutor/a) e o número da sequência com que enviaram suas respostas.

Vale dizer também que foi um exercício de auto avaliação para a professora em questão, pois ao receber as respostas dos alunos, retomava pontos e refletia sobre sua prática docente.

Nesse percurso, para as postagens na página Literatura Portuguesa UEMASUL, do *Facebook*, foram realizadas atividades coletivas, em álbuns, relacionadas às escritoras e escritores portugueses: Agustina Bessa-Luís, Antônio Alves Redol, Ana Hatherly, Carlos Alberto de Oliveira, Fernanda Botelho, Fernando Namora, Fiana Hassem, Florbela d'Alma da Conceição Espanca, Isabel da Nóbrega, José Saramago, Maria Teresa Horta e Sofia de Mello Breyer Andresen.

Figura 1: Capa da página de Literatura Portuguesa da UEMASUL.



Fonte: *Facebook* (2020).

Para cada uma/um dessas/desses representantes da literatura portuguesa, os acadêmicos de Letras tiveram que pesquisar sobre biografia

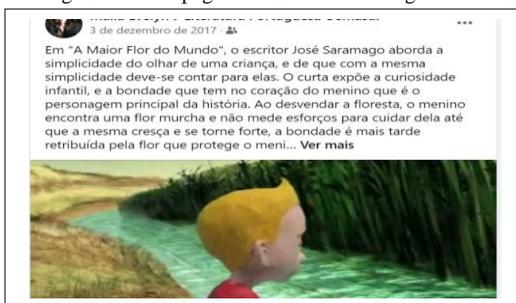
da/o autor/a e obras, selecionando os pontos principais, mediante seu ponto de vista.

Sobre essa etapa, os alunos foram unânimes em afirmar que: “Estudar biografia de autor é sempre chato, mas o fato de ser no *Face*, acho que deixou mais atrativo, envolvente” (I2). Sendo que eles ressaltaram que ao ir buscar a biografia “sempre encontrávamos mais coisas, um indicativo de texto, que gostávamos, eita que a gente ia estudando coisas que nem queríamos, mas que era interessante” (I5). A “Florbela Espanca mesmo foi assim incrível, quanta coisa estava associada a ela, e que mulher incrível, textos fortes, que fazia a gente refletir” (I9).

Diante das falas dos alunos, foi possível perceber que essa atividade inicial foi além do esperado, porque incitou outras buscas, diálogos com outros autores e com outras artes como a música e o cinema. “Muito interessante perceber que a biografia de muitos desses autores estava ligada às preocupações com o contexto social, político e econômico de Portugal” (I15). “Pensar a história desses autores, de certa forma, nos levou a conhecer a história de Portugal e em muitas coisas é bem parecida, em especial, com a forma como a arte enfrentou a ditadura” (I23).

Depois dessa primeira etapa, postavam imagens, vídeos e textos curtos sobre cada representante que o grupo ficou responsável pela divulgação. O que na opinião do grupo foi positivo. “Eu acho que a questão da plataforma deu dinamicidade, podíamos ouvir, vê filmes, vê fotografia” (I1).

Figura 2: Postagem vídeo na página de Literatura Portuguesa da UEMASUL.



Fonte: Facebook (2020).

Uma das postagens foi um vídeo com uma animação da obra “A maior flor do mundo” do José Saramago (Figura 2). E foi justamente

sobre ela que houve um maior número de relação com a prática profissional exercida por aquela/es que são docentes no momento.

Gente, eu achei o máximo o vídeo de A maior flor do mundo do Saramago, eu mesma que sou professora, na época da disciplina, eu já era auxiliar e me chamou tanto atenção ter um texto assim de um autor português, porque a gente só pensa em português como coisa velha, srsrrs, que não tem atualidade. E olha como essa atividade desconstruiu isso em mim, no meu grupo nós ficamos até discutindo sobre isso, que a escola faz da literatura portuguesa só coisa de quinhentismo, barroco e estudar esses autores contemporâneos, com temáticas que podemos adotar nas nossas aulas com jovens no ensino médio, com essas questões existenciais, ditadura, empoderamento feminino e até para criança como esse nos fez vê outras possibilidades para levar essa literatura para a sala de aula. Agora nessa pandemia até trabalhei esse vídeo da Maior Flor do Mundo com meus alunos, nossa, eles amaram (I19)

Outro ponto apontado pelo grupo, de forma unânime, foi sobre estudar literatura em outros suportes, “Ah, eu acho que o mais legal disso de além de estudar no *Facebook*, foi buscar outras fontes, assim suportes né, para estudar essa literatura, como ir buscar vídeos, músicas” (I8), até porque “(...) dinamizou, apontou outros caminhos, pois para muitas pessoas não é interessante ficar ali lendo o papel, acho que isso é mais uma dificuldade da nossa geração para frente” (I14). E “foi tão interessante descobrir a música portuguesa e até a nossa mesma, ouvia Fagner e nem sabia que o que ele cantava era Florbela Espanca” (I21). “Fora que a interação com as postagens de outro grupo, fazia a gente já ter vontade de ler o outro autor, e mesmo dando trabalho, também era prazeroso” (I19).

Essa interação comentada na fala de I19, refere-se ao fato de que depois de fazer as publicações, os acadêmicos deveriam conferir as postagens dos demais e escolher algumas para comentar, acrescentando mais informações sobre escritor/a e/ou obra. Vale ressaltar que também foram disponibilizados, pela professora ministrante da disciplina, vídeos e textos de teoria e historiografia literária para que toda a turma comentasse, o que enriquecia ainda mais o conhecimento de todos sobre os conteúdos trabalhados na disciplina de Literatura Portuguesa.

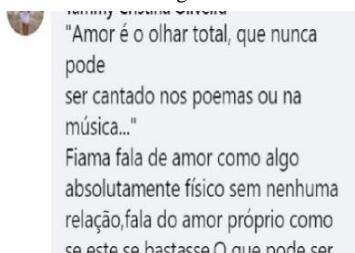
A exemplo dessa interação temos as Figuras 3 e 4, que são referentes às postagens sobre a escritora Fíama Hassem Pais Brandão.

Figura 3: Postagem sobre Fiana Hasse na página de Literatura Portuguesa da Uemasul.



Fonte: Facebook (2020).

Figura 4: Comentário sobre postagem sobre Fiana Hasse na página de Literatura Portuguesa da Uemasul.



Fonte: Facebook (2020).

Desse modo, percebe-se que as atividades desenvolvidas foram alimentadas com a interação entre acadêmicos e rede social, atendendo o principal objetivo que era buscar as conexões de saberes sobre Literatura Portuguesas, nas mais diversas fontes.

Sobre o estudo dos textos teóricos I20 assinalou que “Penso, que foram muitas desconstruções nessa disciplina com essa metodologia, a primeira que *Facebook* não era só para besteiras, brincadeiras e a forma como tivemos que comentar com base nos textos teórico”, foi um choque para muitos, que em princípio tiveram dificuldades, “mas que depois, foi tão interessante ver que se eu lesse os textos da teoria me ajudava a fazer aqueles comentários”. “Porque não podemos negar professora, era novidade demais para assimilar e fazer um comentário crítico, em algo que sempre fizemos de forma aleatória, era um super desafio”, que foi enfrentado por todos, sem exceção, o que propiciou um exercício de criticidade e de “reflexão para as nossas falas sem argumentos” (I13).

Apesar da grande aceitação da turma e do pronto atendimento em todas as atividades propostas, não se pode negar, que a cada aula era um desafio a ser enfrentado, pela professora e pelos alunos, porque estavam ambos saindo das suas zonas de conforto. “Primeiro eu achei péssimo, srsr, achei que ia dar muito trabalho, mas depois foi tudo tão envolvente...” (I24), “acho que o receio inicial é porque ia dar trabalho, ia fazer a gente sair da zona de conforto, e quem quer isso né professora?” (I3). Mas sem dúvidas, “foi tão importante ver uma outra forma de fazer o que fazíamos, comecei a pensar na minha sala de aula, e em como em sou acomodada, é preciso me movimentar” (I18). “E essa pandemia mostrou isso né, porque olha como hoje esses ambientes virtuais são necessários, e quantos professores não sabem usar” (I14). Ainda fazendo menção a essa época pandêmica, A3 comenta:

Na época, eu ainda não estava em sala de aula, mas gostei demais da atividade, só que quando veio a pandemia, lembrei logo dessa atividade que fizemos na disciplina. Foi uma inspiração e hoje vi o que a professora fez, apontou caminhos para trabalhar com literatura de outra forma.

Também sobre a influência da atividade com o Facebook para a formação profissional, A10 afirmou:

Lembro que brincávamos, pelo “Face” continuamos estudando “Books”. Deu trabalho, como sempre dá sair da zona de conforto, mas penso que foi positivo, uma formação como professor e não só para a disciplina de Literatura Portuguesa

Importante ainda dizer que se exercitou a criatividade e a liberdade de expressão. Liberdade que implica em responsabilidade. Porque, é na liberdade de expressão e no direito à inclusão social que a utilização das redes sociais pode ser fonte de pesquisa e disseminação do conhecimento. Que tem sido de grande valia para as muitas atividades humanas, entre elas a educação, principalmente agora, numa época em que a pandemia provocou um isolamento social, tornando os meios de comunicação de rede as ferramentas mais utilizadas para a interação entre as pessoas. No entanto, é preciso responsabilidade e criticidade, porque como diz autora portuguesa Agustina Bessa-Luís “As palavras não significam nada se não forem recebidas com um eco da vontade de quem as ouve” e, principalmente, de quem as escreve e as lê.

5. Considerações finais

Nas percepções dos alunos, o uso da referida rede social propiciou um ambiente dinâmico de aprendizagem, motivou a pesquisa, assim como estimulou a criatividade e os fizeram refletir e discutir sobre a necessidade da instrumentalização para o uso de mídias digitais, em especial, em momentos como esse de pandemia que estamos vivenciando.

Sendo que a atividade se apresentou como uma ação privilegiada para refletir sobre metodologias inovadoras para o processo ensino-aprendizagem, entendendo-se que por si só a tecnologia de ponta ou as plataformas virtuais não são a inovação na sala de aula. Mas a forma como você utiliza esses recursos como aliado para uma educação mais atraente e que consiga maior êxito, envolvendo o aluno e motivando a criticidade e autonomia.

E diante do contexto em que se vive, a formação para usos das mídias digitais é cada vez mais urgente e condição *sine qua non* para a prática docente. Por isso, seja pelo *Facebook*, *Classroom* ou tantas outras plataformas ou recursos digitais, formação e inovação são as buscas que devem se tornar constantes sob pena de que mais do que ser um/a docente ultrapassado e com uma didática desinteressante, se prejudique a aprendizagens de seus alunos.

Não queremos com isso dizer que livros impressos e aulas expositivas sejam abolidas ou que se tornaram obsoletas, mas dizer que no cenário que vivemos, em que a educação caminha na retaguarda das inovações, é preciso encontrar novas formas de caminhar e encantar nossos alunos, mais que isso: Fazê-los sair da zona de conforto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriana. *Facebook: tudo sobre a rede social mais usada do mundo!* Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/facebook/>. Atualizado em: 21 out. 2019. Acesso em: 06 nov. 2020

ANDRADE, Luciane de Cássia. *O Facebook mediando práticas docentes*. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

BACICH, Lilian; MORÁN, José. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. *Revista Pátio*, n. 25, junho, 2015, p. 45-47. Disponível em:

<http://www.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/11551/aprender-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx>. Acesso em: 05 abr. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio Janeiro: Zahar, 2003.

CATÃO, Simone Nóbrega; ATAÍDE, Kátia F. Pereira; BRAZ, Rafael Francisco. *Facebook como recurso didático: ferramenta pedagógica utilizada no ensino de química*. 2016. Disponível em: http://www.editora realize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALO_EV056_MD4_SA19_ID9773_12082016002945.pdf. Acesso em: 05 abr. 2020.

DEBALD, Blausius Silvano. A docência no ensino superior numa perspectiva construtivista. *Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil*. Cascavel-Pr, 2003.

DEMO, Pedro. *Formação permanente e tecnologias educacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. *Letramentos Digitais*. Trad. de Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2016.

FERREIRA, Juliana Xavier; NEVES, Leonardo Holzmann. A utilização das redes sociais: um estudo de caso sobre o Facebook como estratégia de marketing no banco Bradesco S.A. *Revista Gestão Premium/Cursos de administração e Ciências Contábeis – FACOS/CNECOSório*, p. 47-69 Dez. 2013.

FRANCO, Raquel Aparecida Soares Reis; CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Práticas de Letramento Acadêmico no Facebook. *Ilha do Desterro*, v. 69, n. 3, p. 13-28, Florianópolis, dezembro de 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80262016000300013&lng=en&nrm=iso, acesso: 12 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Extensão ou Comunicação*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*, v. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

PÊCHEAUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: Gadet, F.; Hak, T. (Org). *Por uma análise automática do discurso*. 1. ed. Campinas-SP, Unicamp, 1990.

RIBEIRO, Cristiane Uebe. *O uso do facebook e suas interfaces com o processo ensino-aprendizagem em uma escola mineira de ensino médio*. 2017. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/DissertacaoCristianeUebeRibeiro.pdf>. Acesso em: nov. 2018.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81, p. 143-60, Campinas-SP, Dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0101-73302002_008100008&lng=en&nrm=isso. Acesso: 12 nov. 2020.

TORRES, Cláudio. *A bíblia do marketing digital*. São Paulo: Novatec, 2009.